

AÇÕES DO SETOR EDUCATIVO DO MUSEU DE CONGONHAS NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NÃO FORMAIS

Nathália Resende Santos¹

Matheus H. Velozo Gonçalves²

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo disseminar as experiências vividas em oficinas pedagógicas realizadas pelo setor educativo do Museu de Congonhas, desde o ano de 2017, com alunos do ensino fundamental e médio, sobre o patrimônio histórico, artístico e cultural que circunda o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos na cidade de Congonhas, destacando as ações do setor educativo para o processo constituinte do museu enquanto um espaço vivo, de valia social e educativa.

Palavras-chave: Museu de Congonhas – Educação Patrimonial – Educação Não formal

Abstract

This study has the objective of disseminating experiences lived in pedagogical workshops realized by the Education Sector of Congonhas' Museum, since 2017, with students of Elementary School, Middle School and High School about historical, artistic and cultural patrimony that surrounds the Bom Jesus de Matosinhos' Sanctuary in Congonhas, highlighting the Education Sector's actions for the constituent process of the Museum while an alive space with social and education value.

Words-Key: Museum of Congonhas – Patrimony Education – Non-formal education

¹ Graduanda em História (Bacharelado) pela Universidade Federal de São João Del Rei. Coordenadora do Setor Educativo do Museu de Congonhas.

² Mestre em Educação e graduado em História (Licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor da Rede de Ensino Estadual de Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

A cidade de Congonhas localiza-se na região metropolitana de Belo Horizonte - Minas Gerais, sendo reconhecida internacionalmente como um dos grandes centros históricos, culturais e religiosos do Brasil. Dentre os vários espaços turísticos e culturais da cidade, destaca-se o conjunto arquitetônico do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. A construção do Santuário referenciado teve a contribuição de vários artistas regionais, sendo o nome de maior realce o de Antônio Francisco Lisboa, popularmente conhecido como Aleijadinho.

Ademais, a cidade também contém outros espaços religiosos patrimoniais como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, concluída no século XVIII; A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, erguida na segunda metade do século XVII; Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, que se localiza no distrito do Alto Maranhão, sua construção data no século XVIII; Igreja de Nossa Senhora da Soledade, que está construída no distrito conganhense de Lobo Leite, cuja data também está inserida no contexto do século XVIII, e por fim, a Igreja de São José Operário, tendo o início de sua obra no século XIX.

Outrossim, a cidade ainda conta com outros espaços de relevância cultural, como o Museu de Congonhas. Tal espaço fica localizado nas proximidades do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, e foi inaugurado no final de 2015, sua arquitetura é moderna, e seu acervo conta a história da construção do Santuário passando desde a figura de Feliciano Mendes – ermitão que idealiza e inicia a construção da Igreja – até Aleijadinho, além de uma sala audiovisual que mostra algumas imagens antigas da cidade, uma sala dedicada aos chamados ex-votos, tendo uma vasta coleção de imagens, medalhas e tabuas votivas dos séculos XVI ao XX.

Em suma, a cidade de Congonhas oferece, dentro do seu espaço, possibilidades pedagógicas de se trabalhar a educação museal, patrimonial e cultural. É dentro dessa abordagem que discutiremos o papel do setor educativo do Museu de Congonhas (mCo) na educação não formal. O setor é responsável por desenvolver atividades relacionadas a educação patrimonial, buscando estabelecer uma relação de diálogo entre a comunidade e a cidade de Congonhas com enfoque no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Findando, cabe colocar que as preposições colocadas no presente artigo são baseadas nas experiências observadas pelo programa do setor educativo ao longo de sua atuação.

AÇÕES DO SETOR EDUCATIVO DO MUSEU DE CONGONHAS: PANORAMAS ENTRE A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NÃO FORMAL

O Museu de Congonhas (mCo), situado nas proximidades do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos foi inaugurado em 15 de dezembro de 2015. Estruturado como Museu de Sítio³, destina-se à compreensão, valorização, potencialização e salvaguarda do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em toda a sua abrangência material e imaterial. O espaço é constituído por três eixos temáticos que englobam os aspectos artístico, religioso e patrimonial do Santuário.

O Santuário do Bom Jesus de Matosinhos⁴, principal objeto de estudo do Museu de Congonhas, configura-se como um dos maiores expoentes arquitetônicos e artísticos do Brasil, tombado em 1939 pelo SPHAN - Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e reconhecido em 1985, como patrimônio cultural Mundial pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

O conjunto arquitetônico conta com seis capelas que narram, por meio de 64 esculturas em cedro, os passos da Paixão de Cristo, entalhadas pelo Mestre Aleijadinho e sua oficina. Logo acima das capelas está o adro, marcado pelas curvas do barroco, que é monumentalizado pelos 12 profetas esculpidos em pedra sabão, também concebidos pelo mesmo artista. Por fim, chegamos à Igreja e visualizamos uma das maiores expressões artísticas configuradas no período de transição da arte barroco/rococó, contando com a presença de renomados artífices, entre eles Mestre Ataíde, Bernardo Pires, João Nepomuceno e Francisco Vieira Servas. Reconhecido pelo

³ De acordo com o documento de 1982, o museu de sítio é aquele “concebido e organizado para salvar bens naturais ou culturais, móveis e imóveis, preservados in situ, ou seja, no lugar onde os bens foram criados ou descobertos” (ICOM, 1982, p.3 apud Julião, 2016, p.12)

⁴ A história do Santuário remonta o ano de 1757, projeto idealizado por Feliciano Mendes. O garimpeiro do Norte de Portugal – região de Guimarães, teria vindo para as Minas Gerais em busca de ouro, não se sabe ao certo quando teria chegado e em quais regiões teria atuado. É sabido, porém, que teria sido acometido por grave doença, e rogando por cura promete que ergueria um local de devoção em favor da graça alcançada. Curado, Feliciano Mendes dá início a construção, mas falece pouco tempo depois, em 1765, tendo a oportunidade de ver a ermida (igreja) erguida, faltando apenas as torres e a ornamentação interna. O conjunto é findado apenas em 1875, ao todo demorou 115 anos para a construção do Santuário.

Para mais informações acerca do Santuário verificar: Oliveira, Myriam. Os Passos da Paixão e suas Restaurações (2011); Falcão, Edgar. A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do campo, Volume III (1962); Oliveira, Myriam. Aleijadinho: Passos e Profetas (2002); Bazin, Germain. Arquitetura religiosa barroca no Brasil (1956); Oliveira, Myriam. O Aleijadinho e o Santuário de Congonhas (2006); Smith, Robert. Congonhas do Campo (1973).

seu primor artístico, o Santuário foi construído, nas palavras de Myriam de Andrade, com “o que de melhor havia em Minas no momento” (Oliveira, 2002, p.18)

Dada à importância nacional e internacional do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, esse espaço configura-se como um local de debates, que giram em torno das questões artísticas/culturais, religiosa e de proteção patrimonial. É dentro desse contexto de embates sobre a proteção patrimonial que, em 2003, deu-se início as discussões sobre a imprescindibilidade da construção de um museu, inicialmente com o propósito de ser abrigo dos profetas do Aleijadinho.

A divisão em defesa e recusa da proposta de retirada dos profetas do Santuário encontrou terreno fértil na cidade de Congonhas. Enquanto o Ministério da Cultura, que havia proposto a retirada dos profetas antes mesmo de um relatório conclusivo do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico nacional) e de um envolvimento e participação da comunidade local e religiosa, preocupava-se principalmente com a condição danosa que os profetas se encontravam.

A população da cidade, apreensiva de que seu patrimônio fosse levado para um museu, e que isso facilitasse o deslocamento patrimonial para exposições em outros centros culturais, já que, estava ainda muito presente na memória dos congonhenses as tentativas de retirada dos profetas para exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1979, e para Nova York, em 1983. A maior parte da população de Congonhas foi, nesse momento, contra a iniciativa. (MACHADO, 2017).

É nesse cenário de disputa que se forma uma rede para melhor compreensão das necessidades do espaço e de seus sujeitos sociais. A formação dessa unidade foi composta pelo Ministério da cultura, IPHAN, Prefeitura Municipal de Congonhas, autoridades religiosas, representantes da população de Congonhas e UNESCO (MACHADO, 2017). Depois de longas discussões sobre como seria a construção do museu e seus propósitos, em 2008, inicia-se o processo de sua feitura, sendo inaugurado no ano de 2015. Nas palavras de Jurema Machado:

A existência do Museu é uma das principais garantias de que a conservação do acervo de Congonhas estará sob permanente cuidado especializado, com o respaldo da presença vigilante e participativa da comunidade. Superada a polarização, o Museu surge tendo como uma de suas principais tarefas a de fomentar o monitoramento das esculturas e outras medidas de conservação preventiva, assim como apoiar a continuidade dos estudos sobre os monumentos em pedra. (MACHADO, 2017, p.26)

O escopo do programa do Museu de Congonhas tratado por Jurema Machado (2017) não é efetivamente a realidade do museu, já que, em seus quase cinco anos de funcionamento, não se

desenvolveu como centro de estudo sobre a pedra sabão. Porém, não é também uma realidade totalmente distante de seu cotidiano, considerando que parte de preservar é educar, sendo realizado no espaço uma educação patrimonial desde sua abertura. Antes de ser discutido como se dão os processos de educação patrimonial, faz-se necessário discriminar como está alicerçado a arquitetura e expografia do espaço.

A estrutura moderna do museu é percebida tanto no quesito arquitetônico quanto em sua estrutura expográfica. Contando com dois pavimentos de exposição, o museu, inicialmente aborda a origem do Santuário, trazendo seu aspecto religioso. Nesse eixo temático há uma exposição/discussão sobre a figura de Feliciano Mendes; as manifestações festivas referentes ao Santuário do Bom Jesus de Matosinhos tais como, o Jubileu e a Semana Santa; a compreensão do Santuário como *ex-voto*⁵; a iconografia e lenda do Bom Jesus de Matosinhos; a presença da fé do Bom Jesus de Matosinhos em Minas Gerais; mapa mundi ilustrativo das manifestações religiosas no mundo e, por fim, para abrir a exposição/discussão sobre o segundo eixo temático é feito um comparativo do Santuário do Bom Jesus do Monte - localizado no norte de Portugal e o Santuário de Congonhas, evocando não apenas a manifestação religiosa cristã católica coincidente, mas também a forma artística de conceber esses templos na época.

Após o comparativo dos Santuários encontramos uma linha do tempo sobre todo o processo de construção, desde 1757 até 1872. Nesse trecho expográfico os recursos interativos são largamente utilizados, contando com projeções das seis capelas dos Passos da Paixão e dos profetas; uma maquete que contempla todo o espaço do Santuário, Museu e arredor; uma mostra dos recursos tecnológicos disponíveis para a construção tanto arquitetônica quanto artística do Santuário, como, gurrupião, cinzel, entre outros; imagens internas da igreja e das 64 esculturas do Mestre Aleijadinho.

Na intercessão dos pavimentos o museu conta com uma sala audiovisual – que contém imagens e curta metragens do Santuário e suas manifestações de fé e, também, exposições temporárias que abarcam as várias dimensões presentes na memória, história e cotidiano do Santuário – e a outra sala com a coleção de ex-votos e Santos de Casa da Márcia de Moura Castro, do século XVI ao século XX.

⁵ Ex-votos são objetos oferecidos aos santos como forma de agradecimento do fiel por ter seu pedido atendido. [...] Ao fazer o pedido o fiel faz o “voto” ao santo. Ao pagar a promessa após ter seu pedido atendido, o fiel oferece então o “ex-voto” em agradecimento ao milagre atendido. (BOTELHO, 2013, p. 16)

Por fim, para a discussão patrimonial do Santuário, adentramos o último pavimento do Museu, que traz também uma linha do tempo com citações de autores e artistas tais como, João do Rio, Saint-Hilaire, Richard Burton, Mário de Andrade, entre outros, que passaram por Congonhas e registraram suas percepções sobre o Santuário. Através dessa linha do tempo conseguimos perceber as modificações da estrutura de pensamento conforme o caminhar dos anos, desde a desvalorização do barroco até sua compreensão como arte genuinamente brasileira como identificado pelos modernistas. Neste pavimento, temos também uma projeção audiovisual do processo de escaneamento dos profetas e da feitura das réplicas dos profetas Jonas e Joel – réplicas essas, que estão expostas no museu e o retrato considerado oficial do Mestre Aleijadinho.

O museu possui ainda uma biblioteca voltada especificamente para o Santuário e suas tratativas, perpassando por temas como, barroco, rococó, artífices do século XVII / XVIII, o território mineiro, etc. Há também um auditório que por vezes é utilizado como sala de exposição temporária. Outro espaço que se destina como abrigo de exposições temporárias é o denominado “Espaço alternativo”. Por fim, tem-se o anfiteatro, projetado como local para realizar shows e eventos de maior porte.

Para além de sua proposição como espaço de exposição/discussão do Santuário, houve uma tentativa por parte do mCo de incorporar as interpretações e vivências da comunidade congonghense. Claramente o museu tem ainda um longo caminho para trilhar neste quesito, os esforços, porém, são visíveis. Para tornar esse projeto realidade, o museu conta com um o setor educativo que atua no espaço desde janeiro de 2016.

Antes de relatarmos a estrutura e experiência do setor educativo do mCo é preciso ressaltarmos o papel que a educação não formal exerce nos espaços museológicos. Hodiernamente, os museus não podem ser compreendidos como locais cristalizados, cujo único objetivo é o de “guardar” ou conservar algo histórico, antigo, de algum valor cultural representativo ou de construção unilateral do conhecimento. Segundo as compreensões da nova museologia e da função social dos Museus, esses ambientes devem ser pensados e trabalhados dentro uma perspectiva democrática de ação e ressignificação dos espaços museológicos para e com a cidade, o acervo/expografia e o patrimônio que circunda os museus. (CHAGAS, 2012; AMARAL, 2006).

Nesse sentido, os processos educativos que ocorrem dentro dos museus podem ser considerados como um vetor potencializador da comunicação e diálogo entre o espaço museológico, seu entorno e a cidade. Assim, explicam Desvallées e Mairesse (2013), que a educação em um contexto museal está relacionada com o a mobilização dos saberes desses espaços e a relação que se estabelece com os sujeitos que se deparam com essa educação, possibilitando a construção de novas sensibilidades e experiências, ou seja, a educação museal perpassa a ideia recorrente do ensino e aprendizagem, em seu sentido transmissor e conteudista, e sim, trabalham com a ideia de uma educação sensibilizadora, o que leva “[...] o indivíduo a terminar o trabalho pela apropriação que fará dos conteúdos propostos”. (DESVALLÉES, MAIRESSE, p. 40, 2013).

O Plano Nacional Setorial de Museus 2010/2020 do Instituto Brasileiro de Museus, dá destaque para as ações de educação museal, seja em seus Temas transversais, Diretrizes ou Ações. Dentro desse Plano, a educação aparece como uma forma de estabelecer um vínculo entre museu e sociedade (Estratégia 02 das Diretriz 04 do Eixo 1, sobre a Produção simbólica e a diversidade cultural); como uma ação para incentivar a criação de museus dedicados a memória comunitária (Diretriz 10, Eixo II: Cultura, cidade e cidadania); como uma ferramenta para ações de conscientização sobre o desenvolvimento cultural, social e econômico, regional e local. (Diretriz 04, Eixo III: Cultura e desenvolvimento sustentável), entre outros.

Outrossim, pesquisas em diversas instituições museais também vão ao encontro da perspectiva que manifesta a relevância da educação museal para o desenvolvimento dos museus como espaços plurais e de valia social. A pesquisa de Costa e Wazenkeski (2016), destaca as ações educativas no Museu Municipal Divino Alziro Beckel, na cidade de Camaquã, Rio Grande do Sul, onde, segundo as autoras, essas ações são essenciais não só para levar mais público ao museu, mas também para modificar as visões sobre a própria história e o papel das instituições e da memória local. Já Pacheco (2010), relata haver uma potencialização através das ações educadoras nas discussões sobre o sentido do passado e da memória do Memorial da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco).

Os Museus como espaços latentes para impulsionar projetos educativos também são abordados na temática museu e escola. Braga (2015), discute como o uso educativo do Museu de Artes e ofícios (MAO), em Belo Horizonte, por professores de história, pode contribuir para pensar e refletir a relação cidade e acervo do museu, possibilitando um debate sobre essa relação com o alunato. Usando da categoria analítica pensada por Merleau-Ponty “experiência sensível”

- entendida como uma ação perceptiva e corpórea, onde há uma participação ativa e afetiva entre sujeito e objeto e que evoca uma série de sensações, pensamentos e emoções – Braga (2015) relata que, as atividades do uso pedagógico do museu por esses docentes evoca uma reelaboração da consciência histórica em relação à cidade:

A nossa atitude em relação ao passado é sempre interpretativa, uma vez que é necessário olhar para além do sentido imediato do que nos é oferecido como informação. Dessa forma o uso educativo do MAO na relação com a cidade pode proporcionar reflexões sobre o exercício da cidadania, descortinando os dilemas reais de uma cidade que nasceu sob o signo do progresso e das luzes. (BRAGA, 2015, p. 151)

Seja na relação escola-museu, ou nas ações educativas que ocorrem dentro dos espaços museológicos, fato é que, a proposta de um programa museal não pode ser pensada deixando essas ações em segundo plano, sendo as atividades pedagógicas que envolvam os museus e seu entorno, fulcrais para a democratização e pluralidade que cabem a esses espaços hodiernamente.

Como visto, a ideia construtiva do mCo passa por várias atribuições e compreensões do Museu, mas, presentemente, busca-se construir um espaço museológico plural, destinado não apenas para apresentações expográficas, mas sim como um centro de referência cultural da cidade, que contemple eventos artísticos, e também ações de educação que permitam erigir apropriações, leituras e releituras do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em suas mais diversas representações e manifestações artísticas e religiosas, além de procurar realizar um trabalho de base, com crianças e adolescentes de Congonhas, buscando a possibilidade de uma aproximação identitária entre esse espaço de memória e história com os discentes.

Para tal, o mCo conta com uma equipe multidisciplinar em seu setor educativo, composto atualmente por três coordenadores, sendo esses de Comunicação, Ações Culturais e, de Gestão de Pessoas e Desenvolvimento de Atividades Educativas, além de doze mediadores. O setor educativo é responsável por formatar e efetuar diversas atividades e oficinas com temáticas relacionadas ao espaço patrimonial do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos e suas mais diversas peculiaridades e dimensões.

O setor educativo do Museu de Congonhas vem se formando e adaptando ao decorrer dos anos, com quase cinco anos de funcionamento já atendeu cerca de 30.000 alunos de ensino fundamental e médio de Congonhas e outras cidades. Inicialmente apenas visitas mediadas eram realizadas, no estilo visita-palestra⁶. Apenas no ano de 2017 foram introduzidas as oficinas. É

⁶ Alguns museus adotam o termo “conversas na exposição” (talking guide) para esse tipo de vista. O

importante ser ressaltado que foi a partir das oficinas que se conseguiu cumprir melhor a proposta do Museu, segundo o plano museológico traçado por Letícia Julião (2016). A museóloga compreende que as ações educativas do Museu de Congonhas são responsáveis pela:

[...] construção de múltiplas leituras do patrimônio devocional e artístico do Santuário, tendo como ponto de partida as experiências sensoriais, cognitivas e afetivas de distintos públicos do Museu. Sua perspectiva ultrapassa, portanto, a interpretação monovalente do conjunto do Santuário, fixado historicamente pelo discurso da identidade nacional/regional, para se constituir como processo criativo de mediação das relações entre o sujeito e o patrimônio. (JULIÃO, 2016, p.42).

É com base nessas premissas que o setor educativo se desenvolve, buscando apreender o Santuário em suas vertentes tangíveis e não tangíveis. Compreendendo que a concepção de patrimônio não é imutável, mas, é decorrente da relação construtiva do sujeito com o objeto e da interferência trazida pelas ações educativas realizadas pelo mCo. Nesse sentido, o mCo busca realizar ações de educação não formais, explorando pedagogicamente os espaços do Museu e do Santuário. Para fins de compreensão, entende-se educação não formal como:

[...] aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. [...] É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, [...]. A educação não-formal, não é nativa, [...], há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. (GONH, p. 39-40, 2014).

Nesta acepção, é necessário lembrar que a educação não formal se designa sobre os processos históricos e cotidianos de variados grupos e indivíduos (GONH, 2006), mas sua aplicabilidade só é possível através de proposições, pesquisas e interação entre as partes para o uso potencial de suas características sociais enquanto processo educativo.

Diante disso, é através das pesquisas realizadas pelo setor educativo que são feitos uma série de propostas, discutindo-se a viabilidade de cada uma conforme a idade e vivência dos grupos atendidos. Às segundas-feiras são utilizadas para a realização das pesquisas, treinamentos e capacitação dos mediadores, bem como a construção de atividades pedagógicas. A tentativa é

monitor fala a maior parte do tempo, oferecendo informações e dando pouca oportunidade ao visitante de interagir. No entanto, perguntas são bem vindas e os visitantes são encorajados a participar das discussões. Ocorre em tempo limitado, geralmente com hora marcada para iniciar e terminar. (GRINSPUM, 2000, p.48)

desempenhar com as oficinas a apropriação, exploração e observação dos bens culturais que circundam o Santuário possibilitando uma maior valorização desses. Além disso, espera-se democratizar mais o acesso à informação.

Como dito, as ações educativas do Museu de Congonhas estão ainda em processo de desenvolvimento. Com isso, espera-se viabilizar a construção do pensamento crítico e consciente em relação ao patrimônio, possibilitando a formação de sujeitos ativos na constituição da educação patrimonial. Entende-se por educação patrimonial:

[...]formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, atribuindo-lhe os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios da cultura material e imaterial com excelência e igualdade. (GRISPUM, 2001, p.7 apud FERNANDES; ARAUJO, 2013, p.2)

Para realizar as ações educativas no Museu de Congonhas segue-se um protocolo, que inicia no primeiro contato escola/museu. Assim que as escolas entram em contato com o setor educativo para o agendamento das turmas é oferecido ao responsável o cardápio de oficinas – que é enviado por e-mail. O cardápio de oficinas foi desenvolvido pelo setor educativo, e está enquadrado na programação “*Museu pra Todos*” - programa lançado no ano de 2018 a fim de garantir maior acesso e democratização do espaço do Museu de Congonhas. O programa objetivou, por meio de diferentes abordagens, incorporar mais públicos através de shows, peças teatrais, palestras, eventos culturais e um projeto específico para a educação patrimonial que suscitou no Cardápio de Oficinas, contendo 28 propostas diferentes, onde constam o tempo de duração, conteúdo e indicativo da faixa etária que melhor corresponde cada atividade. Através deste cardápio é selecionada a atividade que será realizada com o grupo, ou, se será feito a mediação no sentido de visita-palestra, dado ao fato de algumas turmas terem o tempo mais restrito. Escolhida a atividade, é iniciada a fase do preparo do material que é necessário para a feita da oficina.

Chegado o momento da execução da atividade, o grupo é recebido por dois mediadores. Para maior clareza do processo, será utilizado a oficina, “*Em Busca de uma Lenda Perdida*”, para exemplificação. Para compreender a origem dos Museus e a importância social que eles possuem, foi criada a oficina “*Em Busca de Uma Lenda perdida*” que visa resgatar os primórdios do espaço museológico, os gabinetes de curiosidades. Durante o processo de aprendizagem questionamentos como: o porquê da criação dos gabinetes de curiosidades; para que servem; como os museus são capazes de resgatar a memória local e a forma que afetam a construção da cidadania, permeiam o debate e as atividades realizadas.

A oficina é dividida em dois momentos, primeiro é realizado um debate acerca do surgimento dos gabinetes de curiosidades. O seguinte passo é uma proposta do deslocamento do real, os participantes passam a ocupar a posição de arqueólogos. O mediador responsável lê um texto que narra um tempo onde os museus já não existem mais, neste tempo, o Santuário do Bom Jesus de Matosinho fora completamente destruído, acredita-se, porém, que houve a tentativa de retirada de algumas peças que encontravam-se nesse Santuário antes da catástrofe que o teria assolado. Os participantes, que ocupam o papel de arqueólogos, são convidados a participar de um caça ao tesouro, ou seja, um processo de escavação arqueológica marítima, para encontrar essas peças. Depois de encontrada as peças, todos os participantes fazem a catalogação dos objetos, que pode ser de forma oral ou escrita, a depender da faixa etária. Posteriormente é montada uma exposição, ou seja, cria-se um gabinete de curiosidades que é exposto ao grande público (os mediadores do setor educativo participantes da atividade). Deve ser destacado que o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos é usufruído pelo setor educativo como espaço museal, já que os espaços museológicos podem ser definidos como:

[...] lugar em que se possa refletir sobre o passado, a fim de dar um novo significado ao presente e ao futuro, no qual se consiga dar um passo rumo à construção da identidade, até porque ali se percebem histórias condensadas, contradições, o jogo entre calar e falar, omitir e contar (KRAMER; LEITE, 1998). (ABREU; SANTOS, 2015, p.31456).

A segunda parte da oficina perpassa pela criação dos museus. Cabe aqui colocar que esse segundo momento é realizado apenas com estudantes acima de 12 anos, devido à complexidade das temáticas abordadas. Trabalha-se a valorização do patrimônio, as leis que foram implantadas para a salvaguarda dos mesmos e, a relação com a população local. O mediador responsável pela atividade faz uma roda de conversa e explica para os participantes como foram criados os museus, o porquê de sua origem e como esses espaços foram sendo ressignificados com passar dos anos. Cria-se então uma estratégia de ação para transformar o Gabinete de Curiosidades que foi anteriormente construído pelos participantes, em um museu. Após a criação do Museu, é elaborado um plano de ação educativa, ou seja, discute-se o papel do setor educativo, suas atribuições e formação. Os participantes ocupam, neste momento, o papel de educadores e apresentam para os visitantes (que são mediadores responsáveis pela oficina) as peças expostas no Museu que criaram.

Outras atividades que merecem destaque, apesar de não constar no Cardápio de Oficinas do setor Educativo são as intervenções realizadas a partir das exposições temporárias locadas no Museu de Congonhas. A fim de entender como se dão essas atividades, será explanado

brevemente a exposição “Esculturas” do Giovani Fantauzzi⁷. O artista expos no Museu de Congonhas uma mostra com 19 peças em aço retorcido, concebidas em arte moderna. As peças foram dispostas em dois espaços do museu, duas peças na entrada do edifício e 17 peças no “espaço alternativo”, os visitantes podiam interagir livremente com as mostras, inclusive tocá-las. Notando as percepções sensoriais que a exposição provocava nos visitantes o setor educativo propôs que todos os alunos que visitavam a exposição desenhassem uma peça condizente com a abordagem do artista. Os desenhos realizados foram enviados para Giovani Fantuizzi que selecionou dois deles e fez as esculturas com cerca de 25cm cada, essas esculturas foram entregues aos participantes selecionados.

A interação realizada entre artistas e estudantes - que vivem em uma cidade que tem suas bases econômicas alicerçadas principalmente na extração de minério pode possibilitar a formação de sujeitos para além do que lhes é ofertado a priori – serem atuantes no operariado. Dito de outra forma, o encontro dessas partes oportuniza o conhecimento e apropriação de novos saberes e espaços sociais, superando o universo minerador que faz parte de sua realidade cotidiana. A ação é condizente com as premissas abordadas por Machado (2017) que percebe o museu como um espaço de estímulo a novas movimentações para um desenvolvimento mais equilibrado entre educação, economia e qualidade de vida urbana, que “[...] possam abrir novas perspectivas, reduzindo a predominância da atividade mineradora na economia local e favorecendo melhores condições de vida.” (MACHADO, 2017, p.43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os propósitos que o Museu de Congonhas foi constituído, como um local de preservação, compreensão e valorização do patrimônio do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, sendo uma de suas facetas fundamentar-se como centro de pesquisa especializado na pedra sabão, observa-se que o mCo não cumpre alguns de seus papéis. Ainda não foram desenvolvidas pesquisas a fim de monitorar as esculturas, diagnosticar as reações da pedra sabão condicionadas a diferentes meios, e outras formas de conservação.

Outra questão importante de se tratar é em relação à participação da comunidade no mCo. Como já apontado, essa é uma das diretrizes norteadoras do museu. Ainda que Jurema Machado

⁷ Giovani Fantuizzi, teve contato com a arte pela primeira vez no ano 1967. A sua educação formal, entretanto, iniciou-se no ano de 1972, na Escola Guignard, de Belo Horizonte- MG, estudando em diversos segmentos da arte como esculturas, desenhos, pinturas entre outros. Atuou na mesma escola como professor de 1982 até 2019, no campo de escultura. O artista neoconcretista e construtivista tem como método de trabalho a sequência de Fibonacci, sendo todo seu trabalho pensado matematicamente.

(2017) coloque que foram superadas as polaridades em relação à construção do museu e que a comunidade fora incorporada, isso não é presente no dia a dia da instituição. Nos cinco anos de funcionamento do mCo, os programas que se dirigem a integração da comunidade foram dados sempre de forma unilateral, o museu como transmissor de informação.

Por fim, cabe ser feito as considerações acerca da educação não-formal desempenhada pelo museu, atualmente o único programa de preservação do Santuário executado pelo mCo. Dado o curto prazo que o mCo vem desempenhando suas atividades não é possível relatar com concretude o alcance do programa de educação patrimonial. Entretanto, a partir de dados quantitativos aferidos pelo mCo, observa-se um crescente número de alunos do ensino fundamental e médio atendido pelo programa, inclusive nota-se uma contínua parceria entre o Museu de Congonhas e a Secretaria Municipal de Educação. Apesar de ter uma comunicação entre as partes envolvidas, não é exercido um trabalho de continuidade, já que o programa proposto pela Secretária de Educação volta-se apenas para o acesso e conhecimento do local.

As parcerias entre o museu e o espaço escolar não se dão apenas através da Secretaria de Educação. O mCo desempenha um trabalho de continuidade com alguns professores e escolas. Assim, o setor educativo vem tentando superar suas metas, buscando fazer o espaço do Museu de Congonhas um local vivo a cada vez que é explorada a expografia do Museu, trabalhando-se uma de suas tantas possíveis linhagens de interpretações e temáticas, cada vez que ocupa e observa juntamente com os docentes e discentes o patrimônio do Santuário, cada vez que escuta as diferentes interpretações dos visitantes acerca de determinado objeto onde rememoram histórias particulares ou de um conhecido. É através dessas experiências que se percebe a importância da ação do setor educativo na educação não formal e vem constatando a assertividade do seu programa com nível de satisfação acima de 90 % segundo os questionários aplicados pelo mCo.

BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Larissa Rachel Ribeiro, Santos, Saulo Ribeiro dos. **Nos braços de Mnemosine: o espaço do museu como lugar de memória e educação.** Educere: XII Congresso Nacional de Educação. 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18551_8073.pdf. Acesso em: 14/10/2020.

AZEVEDO, Vitória Abucater. **O Museu de Congonhas: um estudo da relação de pertencimento do morador com o patrimônio.** 2019. 79 f. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BRASIL. **Educação Patrimonial: Histórico, conceito e processos.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF: Ministério da Cultura/ IPHAN 2014.

BRASIL. **Plano Nacional Setorial de Museus - 2010/2020.** Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2010.

BOTELHO, Thiago de Pinho. **MILAGRE QUE SE FEZ... Um estudo dos 36 ex-votos ofertados ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas | MG.** 2013. 152 f. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Artes da Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais.

FERNANDES, Joana Guimarães; ARAUJO, Vanessa Barboza de. Educação Patrimonial no MHAB: pressupostos teóricos e metodológicos. In: OLIVEIRA, Leônidas José de (org). **Museu e a Cidade sem fim: Setenta anos de história preservada no MHAB, o museu da cidade.** Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Museu Histórico Abílio Barreto, 2013.

FIALHO, Laercio Lopes; DIAS, Reinaldo. **Patrimônio cultural, histórico e artístico como atrativo turístico: um estudo sobre o Santuário de Congonhas — MG.** Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica. Volume V – nº 1 – p. 1-20. 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos.** Investigar em Educação - IIª Série, Número 1, p. 35-50, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos.** 2000. 157 f. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

JULIÃO, Letícia. **Plano Museológico.** Brasília, 2016. (mimeo).

MACHADO, Jurema. **Museu de Congonhas o Relato de uma experiência.** Organização das Nações Unidas para a educação a Ciência e a Cultura – Brasília, DF, 2017.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Aleijadinho: Passos e Profetas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

PACHECO, R. DE A. **Educação, memória e patrimônio: Ações educativas em museus e o ensino de História**. Revista Brasileira de História, v. 30, n. 60, p. 143–154, 2010.

PALHARES, José A. **Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela**. Revista Portuguesa de Educação, Braga, Portugal, v. 2, n. 22, p. 53-84, 2009.

PARISI, Rosana; CASTRO, Laura R. P. **Permanência e memória: O Museu de Congonhas como elemento de valorização da paisagem cultural e Congonhas do Campo – MG**. 1º Simpósio Científico ICOMOS Brasil. Belo Horizonte: 2017.

PEREIRA, Júnia Sales, ORÍA, Ricardo. **Desafio teórico-Methodológico da relação Educação e Patrimônio**. RESGATE - vol. XX, Nº 23 - jan./jun. p. 161-171. 2012

PINTO, H. **A interculturalidade em Educação Patrimonial: desafios e contributos para o ensino de História**. Educar em Revista, n. 63, p. 205–220, mar. 2017.

SETTON, M. DA G. J.; OLIVEIRA, M. M. DE. **Os museus como espaços educativos**. Educação em Revista, v. 33, 1- 23.2017.